

DECOLONIZAR: RODAS DE ESCUTA E ESCREVIVÊNCIA ÉTNICOS-RACIAIS- UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**VITÓRIA PINHEIRO DE SOUZA¹; PAMELA OLIVEIRA DA ROSA²; PAULINIA
LEAL DO AMARAL³; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI⁴; HUDSON
CRISTIANO WANDER DE CARVALHO⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – vitoriapinsouza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pamela_oliveira91@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – paulinia.amaral@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a experiência no estágio curricular supervisionado com ênfase na área de Promoção e Prevenção de Saúde no curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Esse relato apresenta a trajetória de duas estudantes negras do 8º semestre como facilitadoras do grupo *Decolonizar: Rodas de Escuta e Escrevivência Étnicos-Raciais* e busca expor o caminho percorrido durante 25 encontros que ocorreram entre março e setembro de 2023.

A literatura escolhida, bem como a experiência em outros estágios e a formação discente em andamento, possibilitou uma compreensão inicial do funcionamento de grupos e dos seus dispositivos. OLIVEIRA, ROSA, NASCIMENTO (2019) afirmam que é necessário desenvolver práticas que extrapolam a clínica tradicional e adentrem a clínica ampliada, trabalhando com atendimentos em grupos e na utilização das manifestações artísticas como dispositivos terapêuticos.

Assim, a partir dos atravessadores que nos cercam durante a nossa formação – e vida – o grupo *Decolonizar: Rodas de Escuta e Escrevivência Étnicos-Raciais* surge da necessidade de fortalecer a política de permanência para estudantes negros(as), na universidade, visto que o número desses estudantes nesse espaço é significativamente menor que quantitativo populacional na sociedade brasileira (CFP, 2017). Compreendendo também que no racismo os corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer (KILOMBA, 2019), enxergamos a possibilidade de propor um espaço seguro – de acolhimento – onde os estudantes possam ser os protagonistas das suas próprias histórias. Procuramos, então, desenvolver um canal de escuta, denúncia e problematização de dores e violências sofridas por estudantes negros; e através de rodas de reflexão sobre a inserção histórica nos contextos de poder, discorrer sobre a existência desses corpos na universidade, abrindo possibilidades da escuta através da escrevivência.

Enxergamos assim a possibilidade do trabalho em grupo como dispositivo psicoterapêutico, que pode auxiliar na prevenção do sofrimento psíquico, na promoção da saúde mental e na permanência de estudantes negros dentro da universidade. Dessa forma, o grupo *Decolonizar: Rodas de Escuta e Escrevivência Étnicos-Raciais* propôs pensar nos processos de prevenção e promoção da saúde a partir de uma perspectiva decolonial, promovendo uma rede de cuidados compartilhados junto à equipe de técnicos do Núcleo

Psicopedagógico de Assuntos Estudantis (NUPADI) e construindo planos de intervenção de saúde.

2. METODOLOGIA

O estágio dispõe como local de referência a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), responsável desde 2017 por fazer a identificação da necessidade de atendimento aos estudantes. A PRAE possui como porta de entrada o NUPADI, cujo objetivo é atender às defasagens psicossociais e pedagógicas dos estudantes a partir de grupos terapêuticos com ênfase na promoção e prevenção de saúde. Nesse caminho, imersas pela literatura selecionada e curiosidades disparadas por ela no que tange o fazer *psi* dentro desse espaço, traçamos algumas questões e temáticas norteadoras para construção do grupo. Este, permeado por nossas vivências, emerge na construção de um ambiente terapêutico voltado para a experiência relacional de estudantes negros. Assim, as inscrições do grupo se deram a partir de um formulário online, divulgado nos portais oficiais da universidade, que se manteve aberto durante os semestres de 2022/2 e 2023/1, incluindo o período de férias. Os primeiros encontros aconteceram por meio de um breve acolhimento, onde havia uma entrevista semiestruturada individual, visando compreender as primeiras motivações de interesse pela temática do grupo. Nesse momento, foi possível compreender assuntos limites para cada inscrito, bem como fazer um contrato verbal sobre a confidencialidade do espaço.

Logo após, houve o planejamento das dinâmicas grupais para um melhor aproveitamento do tempo. Assim, começamos cada encontro com a abertura do grupo a partir de um aquecimento poético, podendo esse aquecimento ser uma música, uma literatura, ou qualquer outra ferramenta que pudesse servir como um disparador para os participantes. No desenvolvimento, buscamos ampliar as potencialidades que seriam discutidas no decorrer do grupo, sempre usando perguntas norteadoras. Por fim, o fechamento era caracterizado por uma conversa na qual era proposto aos participantes exporem seus sentimentos a respeito da temática. Nos encontros em que usamos a escrivivência como ferramenta, sugerimos a leitura grupal das escritas, compreendendo o compartilhamento de histórias como fortalecedora da vivência de quem narra e escreve, assim como, de quem escuta (CONCEIÇÃO, 2020). Como elemento de suporte, ocorreram semanalmente supervisões no local do estágio com as psicólogas técnicas do NUPADI e com a professora/supervisora do curso de psicologia de forma a discutir os manejos práticos e teóricos aplicados em grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As temáticas iniciais foram pensadas principalmente sobre a corporalidade e estereótipos, podendo, a partir das problematizações e discussões realizadas durante os encontros, trabalhar a potencialidade que o espaço mobilizava. Dessa forma, observamos a maneira violenta na frequência de alguns assuntos: a falta de representação e identificação de estudantes negros dentro da universidade.

Percebemos que essas discussões apresentavam fatores cruciais para a permanência dos estudantes negros na universidade, já que o sentimento de pertencimento influencia diretamente na garantia do processo de (re)conhecimento dos seus potenciais como pessoas negras. Ao pensar, durante

esse percurso, em ferramentas possíveis para propor uma escuta mais abrangente sobre essas vivências, as escrevivências surgiram dentro do grupo como forma de fornecer outras alternativas de relato, podendo cada integrante trazer para o centro suas histórias, de forma ficcional ou não. Essas escritas e escutas, possibilitaram a externalização dessas singularidades, assim como, a valorização de sentimentos não postos antes.

Em função disso, a questão de identificação/representação, assim como o sentimento de pertencimento, possibilitaram propor temas como: projetos existenciais, heranças culturais, papéis de poder, branquitude e ancestralidade. Em um encontro pontual sobre a temática de representação, algumas questões surgem e nos mobilizam para pensar o grupo: aparência física, micro agressões, afetividades, sexualização e medo. Essas questões começam a nortear nossos encontros, tornando urgente pensar sobre a quebra dessas lógicas, visto que chegam no grupo com algumas ideias fixas do que poderiam ser e sentir. Ao longo dos encontros trouxemos disparadores que propunham pensar nas possibilidades dessas existências. Observamos aqui a importância de pensar as histórias únicas (LÉLIA GONGALEZ, 2020), as diferentes culturas (GRADA KILOMBA, 2019) e as formas de amor (BELL HOOKS, 2021). Em um encontro mais recente, achamos importante refazer uma pergunta a eles: “Como enxergam os próprios corpos?”. Um integrante que antes enxergava seu corpo como um “corpo exótico” e “ameaçador”, nesse encontro recente responde: “O melhor corpo que existe!”. Essa frase é tomada de um grande significado. Através dela, pode-se perceber como eles estão cada vez mais alicerçados na mudança, que ocorre quando não se tenta mudar o que se é. Dessa maneira, podemos pensar como os integrantes conseguem visualizar, através desse espaço grupal, a identificação e a representação, e em como isso transforma o processo individual que repercute também em mudança social. A escrevivência se apresenta também, como grande potencializadora de sentidos e através das histórias compartilhadas ajuda na expressão dentro do espaço, produzindo novas interpretações políticas, históricas e literárias sobre existência.

Posto isto, achamos imprescindível expor alguns dados que foram essenciais para o pensar o processo grupal: (1) grande desafio na adesão ao grupo. Ao longo dos 7 meses obtivemos um total de 14 estudantes inscritos, mas apenas 3 participaram assiduamente de todo o processo; (2) interseccionalidade do grupo. Uma vez composto por 1 homem-cis-hetero brasileiro; 1 homem-cis-hetero guineense e 1 mulher-cis-hetero brasileira, faz-se imprescindível olhar para esses recortes e questionar a adesão aos grupos terapêuticos dentro da universidade. Assim, pode-se mencionar o trabalho das diferentes expressões culturais e de gênero durante o processo grupal, para que exista o acolhimento e escuta situada às singularidades e demandas expostas.

4. CONCLUSÕES

Dessa forma, compreendemos o grupo *Decolonizar* como uma extensão da política de permanência da universidade, através da busca por um espaço de identificação, representatividade e acolhimento. Identificamos ainda que o Estágio em Prevenção e Promoção de Saúde possibilitou propor grupos pautados em temáticas que sugerem descentralizar o conhecimento, solidificar o cuidado e ressoar significados ao proporcionar uma maior produção de manutenção da saúde mental. Segundo BENEVIDES (2010), o grupo terapêutico potencializa as

trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo. Dessa forma, visualizamos o grupo com grande potência nas trocas de experiências e nas suas adaptações durante o processo. O grupo se dispõe a construir junto narrativas, aproximando uns aos outros a partir das histórias compartilhadas, mostrando como a escrevivência amplia o potencial terapêutico do espaço grupal. Identificamos também, a qualificação da escuta que eles exercem uns com os outros, ao tencionar, ao contribuir, ao discordar e concordar.

Fica evidente que o ambiente proposto a partir do grupo *Descolonizar* surge como um espaço de união e fortalecimento, onde existe a possibilidade de quebrar opressões, a fim de proporcionar a resistência nos modos de existir — dentro de suas dores e para além delas. Ademais, observamos a possibilidade de uma prática de espaços onde haja a construção de caminhos pautados em uma psicologia política e plural, além da reflexão do estágio como um importante instrumento, alicerçado a práticas extracurriculares e leituras complementares, que auxiliam na construção de um repertório de manejo prático.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, L. M. et al. Tríplice opressão na vida das mulheres negras. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 15, p. 255-266, 2022.

BENEVIDES, D. S. et al.. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 127–138, jan. 2010.

Conselho Federal de Psicologia **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília: CFP, 2017. 147 p.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós -reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**; Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B., 1952- **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**; Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, G. 1968 **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, R. M. De; ROSA, C. M.; NASCIMENTO, A. C. P. Do. Os Grupos Psicoterapêuticos Como Ferramenta Para A Redução Do Sofrimento Psíquico Nas Universidades. **Humanidades & Inovação**, V. 6, N. 9, P. 144–156, 18 Jul.